

O INFINITO E NÓS, OS FINITOS

RESUMO

A mente mística e mitológica do Período Imperial comungava diariamente com os deuses da criação e inquiria sobre as leis que regem o universo, na crença de que esse conhecimento lhe facultava navegação mais segura pela vida. O comportamento dos deuses indicava cuidados a serem tomados a fim de que a relação para com a natureza fosse harmoniosa. A dessacralização do mundo levou à hegemonia do modo científico de pensar e a um conceito de localidade universal restrito à materialidade, o qual, mediante a hipótese da imanência, dispensou completamente o concurso da transcendência. Mas, eis que a maturidade da física revela um mundo quântico que supera definitivamente o mundo visível e impõe a retomada do modo de pensar dos antigos, em virtude de este ser capaz de vislumbrar parcelas de mundo que se situam para além do visível e só podem ser acessadas pelo sentido da inteligência. Diante dessas circunstâncias, emerge o problema que, neste texto, procura-se elucidar: como restabelecer aquela intimidade ancestral para com os deuses – para com as leis universais –, em termos familiares à cultura científica do nosso tempo e sem invocar argumentos religiosos?

Palavras-chave: Cosmovisão. Leis universais. Inteligência criativa. Origem da existência. Modo de pensar de Platão. Arquitetura do universo. Ilimitado. Limitante. Infinito e finito.

APRESENTAÇÃO

Houve tempo em que o impulso inquisidor da mente humana era tão vigoroso que batia às portas do Olimpo e queria saber como foi que os deuses criaram o universo. Hoje, a mente do homem pós-moderno apenas se debate com as suas circunstâncias, enredado que está em devir cambiante que exaspera, em que o único momento de paz que se vislumbra é aquele terminal garantido pela entropia.

As viagens ancestrais ao começo de tudo legaram-nos percepções registradas na linguagem da época. Segundo Orígenes de Alexandria, a origem de tudo repousava em uma trilogia, a qual indicou por Pai, Filho e Espírito Santo. Para Alcínoo, era a trilogia alma, intelecto e Deus. Para Pitágoras, o ilimitado e o limitante. Para Platão, o uno e a díada do grande e do pequeno. Para outros, Deus, Logos e mundo sensível (HARRIET, 2012). Na mitologia egípcia, a mesma trilogia era identificada por Osiris, Isis e Hórus (GADALLA, 2003).

Essas designações têm sentidos determinados junto a estudiosos da Filosofia Antiga, mas, para o homem pós-moderno, constituem designações imprecisas, tingidas por valores religiosos e místicos que lhe roubam credibilidade e clareza.

Diante desse quadro, perguntamo-nos: o que seria visto por uma mente moderna, educada, que ousasse visitar esse berçário original do mundo, munido dos cuidados científicos contemporâneos? Neste artigo, tentamos relatar essa expedição.

PREPARANDO A MOCHILA

Naturalmente, não se pode realizar a incursão ao começo do mundo sem os apetrechos necessários. Qualquer expedição requer preparativos. No caso, não adianta munir-nos apenas da lógica aristotélica de causa e efeito – que preside o modo científico de pensar –, porque isso nos levaria a uma digressão sem fim e esbarraríamos no *Big Bang*, que gerou espaço e tempo supostamente a partir de um oceano caótico de energias quânticas preexistente. Nós queremos saber como esse próprio oceano primevo se originou. Ora, se os Antigos logravam

fazer tais incursões, é porque tinham um modo de pensar ou uma lógica que os permitia agir assim. Existe um registro, designado Poema de Parmênides, que relata uma tal incursão, mas esse poema está escrito em linguagem simbólico-poética, fora do alcance do homem pós-moderno. Ainda que estejam disponíveis esforços intelectuais modernos tentando traduzir o poema para a linguagem atual (CORNELLI, 2007; SANTOS, 2000), o resultado disso ainda é restrito a especialistas e não serve para o que aqui pretendemos. Outro relato dessa incursão consta do diálogo Timeu, de Platão (PLATÃO, 2011), que apresenta as mesmas dificuldades. Esse diálogo demonstra, porém, que, apesar de a linguagem simbólico-mitológica adotada por Platão ser de difícil compreensão, o modo peculiar de pensar dele concede acesso à instância originária, de sorte que, caso se compreenda o modo platônico de pensar, estaremos instrumentalizados com os apetrechos necessários e, potencialmente, suficientes para seguirmos nessa investigação.

O MODO PLATÔNICO DE PENSAR

No meio filosófico, admite-se que Platão era metafísico, ainda que esse conceito tenha surgido mais tarde. A Metafísica de Platão é definida como ciência do ser e da existência e configura um olhar ontológico, voltado para a essência constitutiva de tudo o que existe, na suposição de que tudo o que ostenta presença no mundo deriva de essencialidades constitutivas invisíveis, apenas detectáveis pelo sentido da inteligência. Cumpre reconhecer, porém, que essa explicação apresenta problemas semelhantes aos relatos antigos, de vez que metafísica, ser, ontológico e existência constituem conceitos que tampouco fazem parte do vocabulário familiar do homem pós-moderno. Precisamos, portanto, desenvolver outra explicação, mais amigável.

Em sentido geral, a Metafísica de Platão e a Metafísica dos Antigos procuram explicar como mera potência de existir se converte em existência em ato, isto é, em presença factual manifesta no seio do mundo – condição na qual pode ser detectada por uma capacidade perceptiva apta. Ora, a Física moderna faz a mesma coisa em sentido inverso: parte do existente e procura a partícula elementar, que seria o elemento indivisível mais simples sobre o qual se edifica o mundo físico. Nesse caso, os físicos pensaram ter encontrado a solução ao isolar o átomo e, depois, descobriram que o átomo reúne um universo de outras partículas. A Física, então, converteu-se em Física Quântica, e a busca pela menor partícula foi retomada nesse outro patamar. Atualmente, a procura é por um bóson de Higgs, também designado, sintomaticamente, de partícula de Deus. Para tanto, colisores de partículas têm sido construídos, tais como o Grande Colisor de Hádrons, no qual se gastou fortunas para ser criado e que ainda continua sendo expandido e aperfeiçoado. Portanto, o modo quântico de olhar em busca da simplicidade inaugural do universo preserva a mesma orientação do olhar metafísico dos Antigos, apenas atuando em sentido inverso, em razão dos recursos tecnológicos hoje disponíveis. A grande diferença é que, atualmente, a Física trabalha com um conceito de localidade do universo, restrita ao âmbito de manifestação do espaço e do tempo (RODRIGUES, 2018a), enquanto os Antigos admitiam que o universo se estendia para além do mundo visível que está ao alcance de nossos olhos – desde Einstein, caracterizado como contínuo espaço-temporal. Quando a Física descobre que o fóton de luz ora se revela como partícula, ora se revela como onda, dependendo do instrumento de aferição, a ideia de partícula perde força, e o foco volta-se para a simetria, que é a característica dominante da amplitude bidimensional. Isso implica admitir que talvez o alicerce do mundo não repouse sobre uma partícula, mas, sim, sobre simetrias ou sobre algo ainda mais fundamental. A alternativa que se oferece nessas circunstâncias é, obviamente, a retomada do olhar metafísico dos Antigos, que permite ir além do mundo material.

Como consequência, o problema imediato consiste em expressar esse modo de olhar dos Antigos em linguagem acessível ao homem pós-moderno. Os gregos clássicos foram os primeiros que tentaram expressar, em sentenças matemáticas ou lógico-rationais, os conhecimentos ancestrais, que se lhes afiguravam verossímeis, registrados nos mitos, em termos simbólicos e alegóricos. As contribuições que merecem ser destacadas aqui são as seguintes: Pitágoras asseverou que o início de tudo era um *ilimitado* e que as coisas do mundo resultavam da ação de um *poder limitante*. Pitágoras chegou a especificar o percurso ontológico que vai do *ilimitado* até as coisas que constatamos no mundo, com sua década sagrada, expressa como equação algébrica: $[1 + 2 + 3 + 4 = 10]$, ao que se sabe, sem deixar qualquer explicação escrita a respeito do significado dessa equação. A nossa descoberta de que se tratava de uma forma matemática de expressar o percurso ontológico gerador da existência envolve uma longa história que não cabe detalhar neste texto, mas que pode ser verificada em Rodrigues (2016). Por ora, basta perceber que, tomando por referência o sistema decimal, a equação revela a forma mais simples de se gerar a primeira dezena do sistema, com a qual se pode ter acesso a todo o universo quantitativo, caso se observe as regras do sistema. O que nos interessa aqui, em particular, é que o modelo decimal representa um exemplo claro de como qualquer universo – no caso, quantitativo – deriva de uma única estrutura básica elementar, solução criativa, econômica e genial, que vamos encontrar também nos alicerces do universo. Platão contemplou o mesmo percurso criativo, defendendo que tudo começava com uma unidade indivisível, a qual designou de ser, e tornava-se existência em ato, assumindo a forma de totalidade complexa feita de partes, também unitária. Levando-se essa concepção à equação algébrica de Pitágoras, observamos que a criação começa na unidade – número 1 da equação – e culmina na totalidade da dezena, em que também o número 1 aparece na segunda casa decimal, indicando que se trata de unidade complexa que admite ser dividida em partes. Assim, para Platão, a criação começa com a unidade indivisível do ser e, depois de cumprir o percurso ontológico, culmina na totalidade unitária do ente, que é quem efetivamente existe e marca presença no mundo. Como se pode observar, Platão e Pitágoras comungavam da mesma perspectiva.

Embora esses testemunhos de Platão e de Pitágoras representem inferências meridianas para quem esteja familiarizado com a perspectiva metafísica – que sabemos ser ausente no homem pós-moderno –, é possível expressar o mesmo processo criativo mediante os recursos disponibilizados pela Geometria, supostamente de domínio mais amplo. Para tanto, vamos colocar o mesmo problema criativo nos seguintes termos: como transformar um ponto em uma esfera? Como sabemos, a matemática define o ponto como um lugar no espaço desprovido de dimensão, isto é, não possui altura, nem largura e nem profundidade. Na condição de não possuir espessura, não adianta acumular pontos no mesmo lugar, porque somar adimensional com adimensional não gera espessura. Logo, a transformação de ponto em esfera não pode ser realizada pelo acúmulo de pontos. Quando me defrontei pela primeira vez com essa questão, perguntei para adultos próximos como resolver o problema e não tive resposta. Curiosamente, à noite, retomando a questão, a minha neta de cinco anos ofereceu a solução: é preciso fazer o ponto crescer. Essa experiência me marcou, não pela resposta que eu conhecia, mas pela percepção de que perceber certas obviedades requer pensamento livre de condicionantes culturais que se mostram presentes na condição adulta e que ainda não contaminam o modo ingênuo (“?”) de pensar das crianças. Faço essa observação porque, talvez, esse mesmo fenômeno constitua obstáculo que o leitor terá de enfrentar para admitir a simplicidade da perspectiva metafísica.

Uma vez descoberto que é preciso fazer o ponto crescer, precisamos verificar de que modo a Geometria resolve o problema e especifica o percurso que, iniciando no ponto,

permite desdobrar as formas até atingir a forma esférica. Esse percurso é conhecido desde a Antiguidade, e Platão, ao estudar a questão, identificou as cinco figuras nobres da Geometria, designadas de poliedros regulares, em razão de constituírem figuras fechadas dotadas de faces iguais. Tetraedro, cubo, octaedro, dodecaedro e icosaedro determinam uma senda de evolução da forma, cujo limite é a esfera, definida, também, em razão disso, como poliedro regular de infinitas faces. A figura mais simples da Geometria euclidiana é o segmento de reta, que é obtido pelo deslocamento de um ponto em dada direção. Na verdade, o deslocamento de um ponto em dada direção denota uma reta ideal, no sentido de ser ilimitada. Apenas quando se determina um ponto A inicial e um ponto B final, de deslocamento, o segmento de reta fica determinado e se torna compreensível à mente humana – incapaz de entender algo ilimitado. Inaugurada a Geometria com o segmento de reta, caso se queira complexificar a figura, acrescentando um terceiro ponto C que não seja concorrente com a reta dada, existe um, e apenas um ponto, perfeitamente simétrico aos dois iniciais, restando determinado o triângulo equilátero, que tem três ângulos e três lados iguais, os quais, justamente, evidenciam essa simetria. Observe-se que a reta obtida pelo deslocamento de um ponto sem espessura configura, denota ou demanda amplitude de uma dimensão: a dimensão do sentido de deslocamento do ponto. Quando, porém, coloca-se um terceiro ponto simétrico aos dois que determinam o segmento de reta e se constitui a figura do triângulo equilátero, o âmbito configurado, denotado ou demandado, expande-se para duas dimensões. Passa-se da reta para o plano. Não é possível, por óbvio, construir ou inscrever um triângulo em uma amplitude de apenas uma dimensão.

Quando, na sequência de desdobramento das figuras geométricas, procura-se um ponto simétrico para se colocar um quarto ponto D, oferecem-se duas alternativas. No mesmo plano, um quarto ponto simétrico denotaria a figura do quadrado. Mas, como a minha neta intuiu, é preciso fazer o ponto crescer, e isso significa aumentar a amplitude. Logo, o quarto ponto de maior simetria que interessa deve estar localizado fora do plano. Nesse caso, também só existe um ponto perfeitamente simétrico aos três já dados, ficando denotada a figura do tetraedro, o primeiro dos poliedros regulares, que tem quatro faces triangulares iguais e quatro vértices iguais. Com essa solução, a amplitude fica expandida para três dimensões. A evolução dos poliedros regulares até atingir a forma perfeita da esfera se faz sem expandir a amplitude, dado que a figura da esfera tem ou demanda apenas três dimensões. Com o percurso de desdobramento da forma patrocinado pela Geometria, fica demonstrado que essa ciência permite organizar, mediante o critério da amplitude, o percurso criativo presente na conversão de ponto em esfera. O ponto precisa desdobrar amplitude de uma dimensão; depois, amplitude de duas dimensões; e, em seguida, amplitude de três dimensões, para viabilizar a amplitude capaz de comportar a materialidade da esfera. Dado que o que distingue ponto de esfera é a amplitude, essa solução dimensional se afigura como solução inescapável, isto é, não existe outro critério racional capaz de organizar o percurso ontológico instituidor da existência da esfera, além do critério da amplitude, geometricamente expresso na forma de desdobramento dimensional.

Isso não significa que tudo esteja resolvido e que a equação da existência ou o algoritmo da criação esteja dominado. A Física Quântica ainda está empenhada em explicar como os átomos, na prática, são formados. Sabe-se apenas que essa formação ocorre no interior das fornalhas cósmicas designadas estrelas, em condições absurdas de pressão e de temperatura. Apesar desse desconhecimento, não ficamos impedidos de fazer ciência, ainda que esse fato recomende cautela. Em outro sentido, a explicitação racional e ordenada do percurso que separa o ponto da esfera ainda é insuficiente para explicar o advento da existência

universal, uma vez que a Geometria euclidiana, tal como a ciência contemporânea, adota um conceito de localidade universal restrito a um contínuo de espaço-tempo. Já os Antigos, diferentemente, vislumbravam um universo que se estendia para além do mundo visível do espaço e do tempo, em instâncias apenas perceptíveis pelo sentido da inteligência (RODRIGUES, 2018a).

Na verdade, nem a ciência moderna se atém ao mundo visível que se mostra a olhos orgânicos. Desde Einstein, além dos três números que demarcam a amplitude do espaço e da matéria, as equações demandam um quarto número correspondente ao tempo, uma vez que a própria movimentação da matéria no espaço o exige para fechar as contas. Portanto, a localidade universal adotada pela ciência moderna já admite uma dimensão não visível que apenas pode ser detectada pelo sentido de inteligência: a quarta dimensão do tempo. Assim, quando o nosso objetivo ultrapassa o âmbito tridimensional de constituição da matéria da esfera e visa à sua existência, impõe-se considerar a presença de uma quarta dimensão, externa à tridimensionalidade do espaço. Dimensão essa que envolve a matéria – tal como a atmosfera envolve a Terra – e integra a constituição existencial da esfera. Admitir que essa quarta dimensão do tempo pertence à esfera ou ao fenômeno considerado não é mais do que compreender que cada fenômeno presente no mundo dispõe de um tempo existencial próprio e delimitado. Imaginamos que esta seja uma conclusão pacificada.

Embora o modelo criativo dimensional, ao desdobrar as primeiras quatro dimensões, disponibilize amplitude suficiente para comportar a localidade universal adotada pela ciência contemporânea – o contínuo espaço-tempo – e configure uma hipótese racional de descrição do processo criativo, resulta ainda insuficiente para justificar existência de ordem metafísica que não se limita à materialidade e ao mundo visível. Para que o modelo seja capaz de comportar a existência em sua integralidade, torna-se necessário acrescentar uma instância de totalidade às quatro dimensões desdobradas, tal como o exigiam os pensadores antigos. As razões para acrescentar essa quinta instância de totalidade para completar o modelo são diversas. Uma das mais evidentes é o fato de que todos os fenômenos manifestos no mundo são limitados e unitários, razões pelas quais fica viabilizada uma diversidade fenomênica no mundo que se estende ao infinito. Sem que os fenômenos presentes no mundo sejam limitados, torna-se impossível distinguir um fenômeno do outro. Observe-se que o modelo é um modelo universal, que não pretende explicar como um determinado fenômeno particular ganha assento na existência, mas indica amplitudes e etapas que o processo criativo universal deve cumprir para que qualquer existência se estabeleça de fato no mundo. Desprovidos das tecnologias que hoje dispomos, os Antigos resolveram essas questões com genialidade. Como? Estabeleceram o limite insuperável da simplicidade, colocando o ilimitado ou uno como origem de tudo e definindo essa origem como sendo adimensional. Não há como pensar em algo mais simples do que um adimensional. No outro extremo do processo criativo, colocaram a totalidade como representativa da existência em ato e, assim, um limite também insuperável além do qual não se pode pensar. Com isso, observe-se que, independentemente dos virtuais resultados que a Física Quântica possa alcançar na explicação do advento dos fenômenos reais, esse resultado vai estar sempre contido dentro dos citados limites. O ponto inicial será sempre um algo da maior simplicidade, e o processo culminará em uma totalidade complexa, fechada em unidade. Dessa forma, na medida em que o desdobramento dimensional ontológico abre o fenômeno em criação para uma amplitude crescente, apontando para uma integração, diluição ou virtual indiferenciação de tudo no tecido universal, a instância de totalidade fecha o fenômeno em si e estabelece tanto os seus limites como a sua individualidade. Existem ainda outras razões

impondo essa quinta instância de totalidade ao modelo, mas, para o plano de considerações aqui desenvolvido, o fato da diversidade dos fenômenos universais parece suficiente.

O modo platônico de contemplar o mundo, tomando por base referencial que organiza em etapas dimensionais o percurso que separa a unidade indivisível do ser da totalidade constitutiva do ente, implica, naturalmente, consequências interpretativas próprias que justificam o reconhecimento geral da genialidade daquele peculiar modo de pensar. Cabe aqui destacar três. Primeiramente, precisamos compreender que o percurso entre a menor simplicidade e a totalidade representa uma senda de complexificação organizativa, qualquer que seja o fenômeno em construção.

Em segundo lugar, precisamos compreender que, da mesma forma que o desdobramento dimensional se realiza cumulativamente, ampliando o âmbito de manifestação do ser, os conteúdos existenciais que se viabilizam em cada etapa e em cada amplitude são também crescentemente complexos, ainda que o ser conquiste completude apenas na quinta instância de totalidade. O que existe no mundo realmente são totalidades, razão pela qual se classifica como sendo ontológicos os conteúdos das quatro instâncias dimensionais anteriores. Isso implica notar que em cada instância do processo criativo viabiliza-se um modo próprio de ser, um modo de ser determinado pela amplitude local. Com isso, resta conclusivo que, embora cada fenômeno presente no mundo tenha um modo de ser totalidade e esse modo de ser apresente características privativas que tornam cada fenômeno único, o modo de ser resulta da acumulação de outros quatro modos de ser que lhe são ontológicos, na condição de alicerces inescapáveis que suportam o modo total de ser dele. Isso não significa muito mais do que entender que tudo o que existe no mundo resulta de um processo cumulativo, orientado e determinado por inteligência criativa universal, que produz existência em ato, na forma de totalidade. A inteligência criativa, que produz organização na forma de totalidade, é o que Pitágoras designou de limitante. Cada uma das cinco instâncias do modelo dimensional configura um limite de manifestação do modo de ser que aquela instância abriga ou potencializa.

Em terceiro lugar, cumpre destacar que, na medida em que a inteligência criativa configura um modelo universal especializado na criação de existência na forma de totalidade, as totalidades realmente efetivadas moldam fenômenos reais, presentes no mundo, condição na qual pode ser indicada por inteligência organizativa, uma expressão mais familiar ao homem pós-moderno. A cultura científica de nossa época nos ensinou que tudo o que existe no mundo, em última instância, constitui energia organizada de certa forma, e isso implica entender que cada fenômeno apresenta aquela forma e aquelas propriedades, em virtude de congregar componentes inteligentemente articulados de um certo modo e não de outros, constituindo unidade determinada, justamente por uma inteligência organizativa que não apenas determina o fenômeno naquilo que ele é, mas que também o preserva naquilo que é.

Assim, podemos concluir que o conteúdo específico da quinta instância – a da totalidade – do modelo dimensional resulta ser constituído por inteligência organizativa que tanto determina o fenômeno naquilo que ele é como o fecha em um âmbito existencial privativo. Por essa razão, entendemos que a instância de totalidade dos fenômenos, constituída pela inteligência organizativa que articula os seus componentes, em sentido geométrico, representa a superfície da esfera existencial do fenômeno, representa um limite além do qual eventuais presenças já não fazem mais parte dele. Podemos, então, em conformidade com o exposto, entender que o modelo dimensional se estende do ponto central da esfera existencial até a superfície dela e que, nesse percurso, manifesta-se toda a existência.

Para concluir a especificação do modo platônico de pensar, precisamos ainda resgatar uma lição que Platão aprendeu com Parmênides – aquele do poema citado no início deste texto: ser e pensar são a mesma coisa ou se correspondem. Na parcela da obra platônica que conhecemos, encontramos menções indicando que Platão comungava dessa crença de Parmênides, mas não encontramos justificativas explícitas da aceitação dela. Ficamos com a impressão de que o tema era assunto pacificado no âmbito da Academia. Talvez porque seria impensável, na época, que os deuses tivessem instrumentalizado os homens com faculdade de pensar desprovida de correspondência com a natureza, o que seria uma grande sacanagem; ou talvez porque seria não justificável que as leis que regem o pensamento fossem distintas das leis que regem o restante da natureza. De qualquer modo, no diálogo Timeu (Tim 47c), Platão afirma que os movimentos fixos e estáveis das órbitas dos astros no céu teriam correspondência nos movimentos inferenciais da mente humana e que inclusive os homens, em razão do livre arbítrio, deveriam calibrar estes observando o imperturbável comportamento daqueles. De qualquer forma, dado que estamos qualificando o modo platônico de pensar, entendemos que a correspondência declarada entre as rotações dos astros do céu e as rotações internas da mente, levada ao modelo dimensional, implica estabelecer correspondência entre os modos de ser de cada uma das cinco instâncias com cinco modos de pensar correspondentes. De sorte que ao modo de ser unidimensional, por exemplo, corresponde um modo de pensar privativo também unidimensional, ao modo de ser bidimensional corresponde um modo de pensar também correspondente e assim até atingir a totalidade, em que um modo de ser totalidade corresponde a um modo de pensar privativo, que pensa totalidades. Essa tese de que aos modos de ser da natureza correspondem modos de pensar facultados à mente humana representa a única hipótese que possibilita à humanidade construir uma teoria do conhecimento instrumental.

No sentido de uma teoria do conhecimento instrumental, capaz de tornar metódico o ato de pensar, nossos estudos mostraram que o modelo dimensional suporta tal pretensão justamente porque cada uma das cinco instâncias apresenta uma amplitude própria que possibilita um padrão de movimento existencial típico. O movimento típico de cada instância, ao ser executado na mente humana, configura um padrão lógico correspondente. Nessas condições, as cinco instâncias do modelo dimensional, além de revelarem a estrutura existencial da natureza objetiva, revelam também a estrutura constitutiva da mente subjetiva e nos instrumentalizam com uma teoria metafísica do conhecimento. A discussão detida dessa teoria pode ser encontrada em Rodrigues (2018b). Para os propósitos deste texto, basta que compreendamos que o modo de pensar de Platão e dos Antigos operava segundo a perspectiva metafísica e as determinações implícitas no modelo dimensional descrito, tendo como pressuposto que os movimentos inferenciais executados por uma mente educada correspondam aos movimentos existenciais presentes na natureza. Consequentemente, os erros inferenciais cometidos pelos homens decorreriam, não de deficiências mentais humanas congênitas, mas de deficiências de ajustes das rotações mentais às rotações existenciais da natureza, uma questão virtualmente superável mediante educação adequada.

O INFINITO E NÓS, OS FINITOS

Toda a discussão anterior sobre o modo platônico de pensar objetivou apenas mostrar que, nas instâncias essenciais do modo metafísico de pensar dos Antigos, repousa uma estrutura geométrico-dimensional capaz de explicar racionalmente o inescapável percurso de crescente amplitude, implícito tanto no advento existencial dos fenômenos objetivos como no

advento existencial dos fenômenos subjetivos¹. O formato geométrico da estrutura geratriz de todas as coisas, concede-nos acesso racional ao berçário do universo, em linguagem mais próxima e familiar ao homem pós-moderno. Tomando, agora, essa estrutura geratriz como referência, esperamos facultar nova compreensão quanto às nossas relações pessoais e coletivas com às leis universais que regem e regulam a natureza e o próprio universo e que, até aqui, foram tratadas majoritariamente com enfoques místicos, religiosos ou sagrados. Vejamos o que nos diz uma ciência metafísica amparada na Geometria.

O modelo criativo contemplado pela Metafísica dos Antigos pode ser expresso esquematicamente – como convém à Geometria – no quadro a seguir.

o ilimitado	o limitante				
o uno	o ser				o todo
adimensional	uma dim.	duas dim.	três dim.	quatro dim.	totalidade
o ponto	a reta	o triângulo	o tetraedro	o tempo	o existente

Na primeira linha, temos a definição de Pitágoras. Na segunda, temos os três principais elementos correspondentes destacados por Platão, que consideramos adequados para o entendimento que buscamos neste texto – Platão também oferece outras descrições que, aqui, não vêm ao caso. Na terceira linha, temos a estrutura dimensional de crescente amplitude, com a qual a Geometria logra contemplar, organizar e mapear todo o âmbito da existência. Na quarta linha, temos os elementos geométricos envolvidos na edificação da amplitude de três dimensões e, depois, a indicação dos dois elementos complementares indispensáveis, para que se supere o âmbito do espaço e da matéria e se contemple todo o âmbito da existência.

O nosso modelo básico de referência está descrito na terceira linha, em que uma geometria dimensional consegue mapear e organizar todo o âmbito da existência, tomando a amplitude como índice. Estamos, pois, diante de um modelo dotado de base científica, que nos concede acesso organizado às diferentes instâncias da existência e que, supostamente, deve ser capaz de fornecer versão inteligível sobre como a criação dos fenômenos do mundo se deu e se dá. Em termos gerais, confirma-se a percepção dos Antigos, segundo a qual o início de tudo o que existe repousa ou demanda uma trilogia básica. O processo criativo demanda, ontologicamente, uma fonte, a origem de tudo, de ordem transcendental, incriada; demanda uma energia edificadora que, transcendendo da fonte, seja capaz de realizar trabalho; e, demanda, também, uma inteligência criativa natural que oriente e dirija o processo organizativo da energia criadora, até que esse esforço criador constitua uma unidade fechada na forma de totalidade. Essa forma de totalidade representa a condição organizativa capaz de estabilizar fenômenos delimitados no âmbito do mundo ou da existência relativa. Orígenes de Alexandria, como vimos, indicou essa trilogia, respectivamente, por Pai, Filho e Espírito Santo.

Pitágoras destaca dois elementos dessa trilogia: refere-se ao Pai, isto é, à fonte transcendental de tudo, com o termo *ilimitado* e refere-se à inteligência criativa geradora de organização na forma de totalidade com o termo *limitante*. Obviamente, Pitágoras distingue na existência dois âmbitos distintos, um ilimitado e o outro limitado. Apesar disso, ele não se refere ao âmbito limitado, pois não usa o termo limitado. Em vez disso, usa o termo limitante, o que indica estar se referindo à natureza do âmbito limitado. Essa natureza é identificada como sendo limitante, que é, justamente, uma das propriedades da estrutura dimensional acima descrita. O

¹ Em universo que teve começo – não eterno.

limitante corresponde ao Espírito Santo de Orígenes, à alma de Alcínoo, a um dos elementos da díada do grande e do pequeno de Platão e ao nosso conceito de inteligência criativa.

Platão vai cobrir a lacuna deixada por Pitágoras ao colocar em pauta o terceiro elemento da tríade: o ser. O ser é a energia criadora que, orientada e dirigida pela inteligência criativa, conduzirá o processo organizativo até que seja atingida a forma de totalidade fechada em unidade capaz de marcar presença no mundo. Esse ser corresponde ao Filho de Orígenes, ao intelecto de Alcínoo, ao outro elemento da díada do grande e do pequeno de Platão e ao deus Osíris, dotado de poder fecundador, da mitologia egípcia. Para o Cristianismo, esse ser é “o Filho que se fez carne e habita entre nós”. Em Psicologia, é o eu interior que preside o nosso pensamento e com o qual nos identificamos. O ser de Platão representa a energia inaugural que, transcendendo do ilimitado, põe tudo em movimento e gera uma existência de feição inescapavelmente limitada, em virtude das características da natureza do âmbito limitado em que o movimento existencial se dá.

Parece complicado, mas, não é. O modelo geométrico facilita o entendimento. Na coluna da esquerda do esquema, na qual Pitágoras posiciona o ilimitado, Platão posiciona o uno, a Geometria euclidiana posiciona o ponto, e o modelo dimensional qualifica como tendo amplitude adimensional. Ora, um âmbito adimensional tampouco comporta movimento, de sorte que qualquer virtual existência adimensional, embora incompreensível à mente humana, será, necessariamente, estática. Nessas condições, o surgimento da energia edificadora no âmbito da existência limitada, transcendendo do ilimitado, manifestar-se-á, necessariamente, como movimento. O modelo dimensional recepciona com precisão esse movimento ao situar esse ser-energia na primeira dimensão, uma dimensão que somente pode ser edificada pelo deslocamento de um ponto, elemento justamente desprovido de dimensão. O movimento transcendental da energia não constitui novidade para a ciência moderna que, em laboratório, constata o surgimento de *quantum* de energia proveniente do que os cientistas designam de vácuo cósmico, designação essa que é apenas um dos nomes que se pode dar a essa zona inefável da existência posicionada na coluna da esquerda do esquema.

No âmbito da Geometria, convém designá-lo infinito, tal como demonstrado no desdobramento da forma a partir do ponto, com vistas a atingir a perfeição desta na figura da esfera. O ponto estático, conforme evidenciado pelo esquema, encontra-se fora do espaço predicativo da mente humana. Ele apenas poderá ser percebido pela inteligência humana, na medida em que, transcendendo do absoluto, movimenta-se para denotar a reta ideal e só se torna perfeitamente determinado quando essa reta ideal sofrer limitação, pela indicação dos pontos A e B de início e de fim do deslocamento. Dessa maneira, assumindo a perspectiva, não de alguém que desenha uma reta, mas do segmento de reta determinado, o que se intui, ao se auscultar o que existe para além do ponto A, é o infinito e para além do ponto B é igualmente infinito. Do mesmo modo, qualifica-se como transcendental o surgimento do movimento do ponto para indicar que ele tem origem no infinito. Quando, na sequência de desdobramento das formas geométricas, coloca-se o terceiro ponto C para formar o triângulo equilátero, essa determinação da forma triangular se dá em um plano ideal infinito que, igualmente, estende-se sem fim para todos os lados. Com isso, o triângulo determinado revela-se como recorte assentado sobre um plano infinito. Quando, na sequência de desdobramento da forma, estabelece-se um quarto ponto D, perfeitamente simétrico, situado fora do plano em que se situam os três primeiros, formando a figura tridimensional do tetraedro, verifica-se que se trata de uma presença no âmbito de um espaço que também se estende infinito para todos os lados. Quando, na sequência de configuração da existência, ultrapassa-se o âmbito do espaço

tridimensional, depara-se com o tempo limitado e determinado do fenômeno. Esse tempo inscreve-se, igualmente, como recorte determinado dentro de um tempo que se afigura infinito tanto quando se olha para o passado como quando se olha para o futuro.

Diante dessa descrição, patrocinada por um modelo geométrico dimensional, que revela o processo criativo segundo o qual os entes e os fenômenos que compõem a rica diversidade universal passam a existir e ostentar presença no mundo – um deles o próprio ser humano –, impõem-se ou, no mínimo, ficam facultadas algumas conclusões. A mais evidente é que constituímos ocorrências resultantes da ação criativa de um ser-energia, o qual cria segundo as determinações e os condicionantes de uma inteligência criativa universal e inescapável. A segunda conclusão é que tudo o que existe e manifesta presença no mundo resulta configurado por uma inteligência organizativa que o determina como fenômeno singular e o preserva como tal, de sorte a constituir fenômeno único no mundo. Em terceiro lugar, e mais importante para os objetivos deste trabalho, somos levados a concluir que o universo bem como cada um dos entes e fenômenos integrantes do mundo constituem determinações limitadas, cercadas de infinito por todos os lados. Alternativamente, podemos também pensar essas determinações como ocorrências delimitadas no âmbito de um oceano infinito. Neste momento, veio-me à mente a imagem de uma bolha de sabão flutuando no ar.

À vista do modelo geométrico dimensional, a percepção de um universo limitado rodeado de infinito por todos os lados sugere um processo criativo que busca por determinação, em um meio infinito, conquistando, primeiro, amplitude de quatro dimensões exigidas para viabilizar complexidade organizativa e, depois, virtualmente, curvando o próprio tecido do infinito, até fechar-se na forma unitária de esfera, conquistando, assim, ao mesmo tempo, âmbito existencial privativo, individualidade inconfundível e estabilidade existencial determinada. Em tais circunstâncias, não é de se estranhar que o homem, em todos os tempos, manifeste intuições e reverência a respeito da presença de princípios criativos universais, dotados de poder de gerir a sinfonia do universo, e lhe pareça ser uma boa política ajustar-se aos ditames de tais princípios.

Na Antiguidade, a intenção de preservar essas percepções motivou a criação dos mitos, nos quais essas potências criadoras foram representadas por deuses, cujas lutas pela prevalência do bem e do belo orientavam uma população ignara pelo caminho das virtudes e, ao mesmo tempo, produzia unidade cultural. A longevidade do Império Egípcio testemunha o sucesso da solução mitológica, que, convenhamos, representa solução comunicativa verdadeiramente genial e que, no verso, revela a genialidade dos seus autores.

Atualmente, precisamos entender que todas essas designações constituem nomes virtualmente apropriados a contextos culturais específicos que já não estão mais presentes e que, caso se leve isso em consideração, convém guardá-los, porque preservam significados preciosos que ainda podem ser úteis e válidos.

A retomada desse modelo geométrico como referência e o nosso esforço de atualização dos conceitos levaram-nos a conceituar a estrutura gerativa dimensional com a expressão inteligência criativa bem como a forma de totalidade que instala os fenômenos na existência com a expressão inteligência organizativa. Completando a trilogia, preservamos a solução de Platão, indicando a energia que deflagra o processo criativo pelo termo ser, imaginando que o homem pós-moderno não encontre dificuldade para perceber o ser-intelecto que preside o seu pensar. Com essa solução, descortina-se um universo edificado por um ser-energia que, valendo-se de inteligência criativa inescapável, gera organização fechada na forma

de totalidade unitária configurada por uma inteligência organizativa. Em vista disso, o universo pode ser entendido como local de manifestação da organização, e o seu conteúdo, como resultado da combinação de energia com inteligência. Nesse universo, tal como indica o desdobramento dimensional da estrutura, os próprios fenômenos existentes se complexificam de modo cumulativo, em processo do qual a tabela periódica de elementos constitui exemplo efusivo.

A tabela periódica de elementos revela como esse processo cumulativo ordena as coisas no plano atômico, em que cada posição de átomo indica uma posição na qual os mesmos elementos constitutivos são reunidos por uma inteligência organizativa fechada em unidade, isto é, em posição na qual os elementos constituintes estruturalmente antagônicos entram em repouso para viabilizar algo mais complexo do que cada um tomado isoladamente, sob o poder aglutinador de uma inteligência organizativa. Fato que nos ensina que apenas na unidade do todo viabiliza-se a harmonia das partes – uma preciosa lição para a vida. Os físicos têm se perguntado por que um átomo não se converte naturalmente em seu vizinho da tabela, dado que a diferença, por vezes, é apenas um elétron ou um nêutron. E a explicação mais aceita cita uma camada informacional que preservaria aquela organização e que se aproxima do nosso conceito de inteligência organizativa, que se revela uma força poderosa de coesão, da qual temos notícias efusivas quando artificialmente logra-se quebrar, em série, o átomo de hidrogênio em explosão nuclear. A quantidade de energia liberada indica de que poder aglutinador estamos falando.

Voltando a considerações sobre o plano geral do modelo dimensional, vale a pena mencionar também uma outra característica importante implícita. Quando conceituamos o universo como local de manifestação da organização – sob auspício de um ser-energia que se aproveita de uma inteligência criativa natural inescapável para gerar totalidades configuradas por uma inteligência organizativa –, estamos diante de universo cujo insumo básico é constituído de inteligência e cujo propósito teleológico apenas pode ser gerar consciência capaz de operar inteligência e, assim, gerar compreensão sobre essa arquitetura cósmica e sobre si mesmo. Com isso, as espécies dotadas de discernimento e de livre arbítrio, tal como a humana, virtualmente, representam realizações auspiciosas do processo de complexificação universal, na medida em que sejam dotadas de consciência capaz de operar inteligência e de gerar conhecimento, isto é, gerar inteligência interpretativa que corresponda a essa arquitetura cósmica, tal como, aqui, estamos tentando efetivar. Em tal universo, um ser-intelecto, operando inteligência criativa, gera inteligência interpretativa a respeito de realidade inteligentemente organizada e se habilita para contribuir, conscientemente, em processo de complexificação universal que já estava em curso quando adquiriu consciência dele.

Dado que o processo cumulativo de complexificação, em nosso mundo, parte da instância atômica e mineral e se estende até o reino animal, parece justo concluir não apenas que a consciência represente o auge de complexificação, mas também que a consciência humana representa operação que se realiza na superfície da nossa esfera existencial, condição na qual pertence à instância de totalidade do modelo. A par do modelo dimensional sugerir que a consciência humana se localize junto à inteligência organizativa que nos determina, o fato de termos consciência simultânea de toda a extensão do nosso organismo constitui outra evidência a sugerir que todas as partes que nos compõem, inclusive nosso organismo, localizam-se no interior da nossa consciência e/ou são abrangidas por ela. Estendendo-se, ontologicamente, a existência humana do ser que nos constitui até a inteligência organizativa que nos delimita e

considerando a consciência a nossa porção mais elaborada, parece apropriado que a entendamos como operações que se realizam na superfície curva da esfera que nos delimita.

O fato de situar a consciência junto à inteligência organizativa que nos determina e nos constitui como unidade fechada e de entender que as suas operações se realizam na superfície da esfera existencial assim constituída ampara-se em outras razões. Anteriormente, levantamos a hipótese de que, depois do desdobramento das quatro dimensões, o processo criativo requer que a criação se feche em si para constituir uma unidade. Uma vez que a emergência do processo criativo se dava mediante emersão a partir de um oceano infinito, externamos a visão de que esse fechamento parecia dobrar o tecido desse meio (infinito) até fechar e determinar uma esfera existencial privativa, tal como uma bolha de sabão. Em tal situação, localizar a mente na superfície implica duas conclusões interessantes. Primeiramente, tratando-se a superfície de um âmbito de duas dimensões, a inteligência interpretativa gerada pelas operações mentais possui, necessariamente, amplitude bidimensional. Isso coaduna-se com o fato de as diferenças, em diversos graus de simetria, diferentes posições relativas, maior ou menor proximidade, grandeza, compatibilidade etc., que possibilitam articular elementos distintos para gerar organização, constituírem ocorrências que o modelo dimensional situa e recebe na segunda dimensão, na condição de inteligência organizativa potencial². A inteligência organizativa potencial irá realizar-se e efetivar-se em alguma medida segundo as circunstâncias do ente e constituir a inteligência organizativa efetivamente realizada que o molda. Com isso, a inteligência a qual estamos aqui nos referindo, qualquer que seja a sua particular manifestação, fica qualificada como modo de ser típico da amplitude de duas dimensões. Em segundo lugar, observe-se que a superfície da esfera não tem início, nem fim, o que sugere que as operações mentais operam em ambiente desprovido de limites além daqueles determinados pela nossa inabilidade no uso metódico da razão. Como terceiro e último aspecto a destacar, cabe entender que, sendo apenas infinito que determina os nossos limites existenciais, descortina-se, para seres dotados de discernimento, possibilidades infinitas de complexificação tanto em sentido objetivo de ser como em sentido subjetivo de pensar e de entender. Impossível a espécie imaginar ou desejar uma condição mais promissora.

TENTANDO CONCLUIR

Toda tese ou concepção a respeito do mundo, antes de merecer qualificação, precisa ser entendida como interpretação que não pode pretender e nem ser tomada como reprodução da realidade ou como expressão da verdade. A aceitação dela como conhecimento útil vai decorrer da capacidade de ela resolver certos problemas ou certo âmbito de problemas, tal como ensinou Thomas Khun. Pensar o universo como configurado por inteligência tem a vantagem evidente de situar a espécie humana e, possivelmente, todas as espécies dotadas de discernimento, em posição privilegiada na escala de complexificação universal, colocando à sua frente vasto campo de ação e de possibilidades realizativas, caso a espécie logre dominar, completa e metodicamente, as faculdades mentais que possibilitam pensar, interpretar e entender.

A condição estrutural básica para a interpretação adequada da realidade é a existência de correspondência entre modos de ser e modos de pensar, condição essa presente

² A inteligência organizativa potencial cumpre, na configuração da inteligência organizativa efetivamente realizada, o mesmo papel que o código genético cumpre na determinação da configuração real dos organismos dos seres vivos, com a diferença de aquela estar registrada na alma e de este, no DNA.

em nosso universo, segundo Parmênides, segundo Pitágoras, segundo Platão e segundo o modelo dimensional. Apesar de essa condição básica estar disponível para todos, a habilidade interpretativa não é transmitida de pai para filho por herança genética. Cada um nasce sem sequer ter domínio de uma linguagem e precisa desenvolver capacidade cognitiva durante a vida. Dado que a natureza também concedeu ao ser humano livre arbítrio para aplicar a razão às questões que achar conveniente, poucos se darão conta de que o uso competente da razão humana requer método e exercício, tal como qualquer outra habilidade. Nesse sentido, apenas cada um pode decidir o que vai fazer com a sua mente. Em tese, o domínio metódico da razão encontra-se ao alcance de todos, supondo naturalmente que a alma não imponha deficiências estruturais. Mas isso parece pouco provável, uma vez que o modelo dimensional evidencia que é a diferença e não a igualdade que viabiliza organização e complexidade. De sorte que os conceitos de igualdade idealizados e tão em moda nesse período civilizatório pós-moderno merecem uma análise mais detida diante da realidade. O modelo sugere que um sapo se encontra muito bem harmonizado com a natureza dele e que, provavelmente, não se sentiria confortável sendo ou tentando ser outra coisa. Visto que a alma ou a inteligência organizativa potencial apenas pode ser conhecida pelo próprio ser-intelecto que comanda a mente de cada indivíduo, a ação ou a pretensão de terceiros, tentando indicar a outro ser no que ele deve investir para realizar-se, configura uma violência que só a ignorância justifica.

A mesma coisa pode-se dizer a respeito da relação intuitiva de cada um para com o infinito que cerca a sua existência. Para uns, tudo isso é apenas fruto da imaginação. Para outros, ao contrário, é uma existência claramente pressentida, que se afigura sagrada por não ter sido criada ou, então, para poder ser compartilhada em linguagem compreensível a todos. Para terceiros, que abraçam a perspectiva metafísica e têm consciência da rigorosa ordem lógica e geométrica do tecido universal, tais instâncias, ainda que desconhecidas e inefáveis, constituem alicerces racionais, com os quais torna-se possível elaborar discursos sobre o mundo, dotados de correspondência e de coerência interna. Eles sabem que, apenas na unidade do todo, as partes diferentes e, por vezes, antagônicas entram em repouso e fica viabilizada a harmonia. Apenas a consciência do todo permite a uma razão pairar acima dos conflitos entre as partes e, até mesmo, deixar de temer a morte, pois, na pior das hipóteses, ao abandonar a forma humana, o ser volta a compor o infinito.

Essas últimas sugestões são pálidos exemplos do que a perspectiva metafísica geometricamente fundada pode descortinar para uma mente organizada segundo os modos de ser da natureza. Um resultado saudável dessa conquista plena da razão, particularmente para o homem pós-moderno, é superar a confusão generalizada, conceitual e ética, que marca este período civilizatório. Presentemente, a agenda social se preocupa histericamente com a proliferação de mentiras, exponenciada pelo advento da rede internet, ensejando pedidos de regulamentação, sem perceber que isso inibiria a troca de informações que potencializa acelerar o processo civilizatório pelo reiterado exercício inferencial. Deixem a mentira em paz, sempre convivemos com ela, e é ela que nos desafia a desenvolver discernimento e conquistar a autonomia interpretativa que permita separar o trigo do joio. Não há nada de novo, trata-se apenas do mesmo processo de seleção natural dos mais aptos, apenas que em novos termos. A natureza é dadivosa, mas também determinada. Para sobreviver é preciso merecer. Para merecer é preciso conhecer a natureza e, inteligentemente, aliar-se a ela. O mundo que se descortina a partir de perspectiva metafísica que contempla a totalidade difere radicalmente do mundo pós-moderno, do mesmo modo que este diferiu do mundo moderno, este do mundo medieval e este do mundo mitológico dos grandes impérios. A humanidade avança inexoravelmente em discernimento e compreensão, e a crise hoje vivenciada apenas anuncia

que estamos em vias de resgatar uma intimidade que já tivemos com a natureza e com os deuses, o que nos permitirá superar conflitos infantis e inúteis entre partes. Precisamos dedicar a vida a coisas mais interessantes do que brincar de gato e rato para ver quem é mais esperto. Que tal conquistar plenitude humana, dominando metodicamente a razão e o discernimento?

Rubi Rodrigues

Brasília, novembro/2022.

REFERÊNCIAS

- CORNELLI, Gabriele. A descida de Parmênides: anotações geofilosóficas às margens do prólogo. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 1, n. 2, p. 46-58, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/17064/10387>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- GADALLA, Moustafa. *Cosmologia egípcia: o universo animado*. São Paulo: Madras, 2003. 173 p.
- HARRIET, Francisco Bastitta. La tradición platónica acerca de los principios em Orígenes de Alejandría. *Diánoia*, v. LVII, n. 68, p. 141-164, maio 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/584/58433557006.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução, notas e índices de Rodolfo Lopes. Coleção Autores Gregos e Latinos – Série Textos. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://academiadeplatao.com.br/uploads/disco/285bfe8b63ff1934947ec7f36593405a.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- RODRIGUES, Rubi. *A teoria dos princípios... de Platão?* Brasília: Thesaurus, 2016. 319 p.
- _____. *Espaço-tempo: uma mutilação da realidade*. Não publicado, 2018a. Disponível em: <<https://academiadeplatao.com.br/uploads/disco/d37ebc400c929bd12ad4eb8c9014e6db.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- _____. *Teoria do conhecimento II: uma teoria metafísica do conhecimento*. Não publicado, 2018b. Disponível em: <<https://academiadeplatao.com.br/uploads/disco/dddce319de2fe49e45eceb429a845bd2.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- SANTOS, José Trindade. *Da natureza: Parmênides*. Brasília: Thesaurus, 2000. 132 p.